



A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS, IMAGINÁRIOS E TERRITORIALIDADES EM SANTA HELENA - PR

Samuel Cabanha⁹⁴

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

495

Resumo: O artigo busca trazer a tona um aspecto histórico imerso no presente e, ao mesmo tempo, compreender a construção de memórias, imaginários e territorialidades no município de Santa Helena – PR, através de um monumento em memória a Marcha de Luiz Carlos Prestes, retratando sua passagem pela Região Oeste do Estado do Paraná. A metodologia adotada foi à revisão bibliográfica, sendo que o levantamento dos dados consistiu na pesquisa documental clássica, e em parte, no uso de fontes impressas (folders, fotografias e matérias de jornais). O arcabouço teórico gira em torno de discussões que envolvem os conceitos ligados à memória, aos imaginários e as territorialidades, buscando discutir e, ao mesmo tempo, entender como se dão as disputas e o jogo de interesses dos atores sociais, destacando as diversas formas de registro daquilo que será considerado importante, a saber, daquilo que permeia os imaginários. Como resultado, o estudo problematiza a construção de memórias, imaginários e territorialidades e seus entrecruzamentos com a identificação do povo santa-helenense e o memorial e, demonstra a evidencia dessa articulação através da culminação da edificação de um lugar de memória. Nesse sentido, este estudo deixa algumas migalhas e serve de pano de fundo e abertura para estudos futuros.

Palavras-chave: Territorialidades. Memória. Monumento. Santa Helena. Coluna Prestes.

Abstract: The article seeks to bring out a historical aspect immersed in the present, and at the same time, to understand the necessity of construction in the municipality of Santa Helena - PR, a monument in memory of the March of Luiz Carlos Prestes (Prestes Column) depicting its passage through Western Region of the State of Paraná. The methodology adopted was the bibliographical review, and the data collection consisted of the classic documentary research, and partly the use of printed sources (folders, photographs and newspaper articles). The theoretical framework revolves around discussions that involve concepts related to memory, identity and territorialities, seeking to discuss, and at the same time, to understand how the interplay of interests, territorialities and disputes over memory occur through Social actors, highlighting these disputes and how they seek different forms of registration of what will be considered important, namely, what should be

94 Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE (2017). Especialista em Educação – UTFPR (2009), Especialista em Terapia Cognitiva pelo Instituto Paranaense de Terapia Cognitiva – IPTC (2015), Graduado em Psicologia pela UCA (2007).



remembered, what should be forgotten, what should be territorialized. As a result, the study problematizes and demonstrates the identification of the Santa Helenian people with the memorial and, at the same time, demonstrates the evidence of this articulation through the construction of a place of memory and symbolic marking of a territorialization. In this sense, this study leaves some crumbs and serves as a background and opening for future studies.

Keywords: Territorialities. Memory. Monument. Saint Helen. Prestes Column.

496

INTRODUÇÃO

A ideia de **escrever** este **artigo surgiu** a partir do **interesse** em estudos relacionados aos eixos temáticos valorizados pela nova história cultural, a saber, imaginários, memória e territorialidades, assuntos abordados nas disciplinas “Memória, Identidade e Patrimônio Cultural: Diálogos e Fronteiras” e “Territórios, Territorialidades, Poder, Fronteiras e Redes”, disciplinas do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da UNIOESTE, campus de foz do Iguaçu.



FIGURA 1 – MAPA DO ESTADO DO PARANÁ, CIDADE DE SANTA HELENA EM DESTAQUE.

Para elaboração do artigo foi necessário também uma visita ao município de Santa Helena – PR (figura 1), a fim de conhecer um pouco da história local e da



história da construção do monumento em memória a Coluna Prestes⁹⁵, nosso “objeto” de análise. O monumento foi construído em anexo aos resquícios da antiga Ponte Queimada, localizada as margens do Rio São Francisco Falso, no município de Santa Helena. É uma obra estruturada em concreto armado, com 15 metros de altura (simbolizando os 25 mil quilômetros percorridos pela coluna), cuja obra foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Além do obelisco, no local do memorial existe uma pedra fundamental onde a “memória” está grafada em uma placa de bronze afixada a um pilar de concreto com a inscrição referente à Marcha da Coluna Prestes.

O objetivo central do estudo foi explorar se essa representação⁹⁶ material de um evento passado, “criado” a fim de compor a paisagem, “funciona” como uma forma simbólica de lugar de memória, de imaginários e de territorialização⁹⁷ por parte dos moradores de Santa Helena. Nesse sentido, este artigo segue a vertente do discurso de negação da tradição historiográfica com ideias universais, refutando a modernidade com valores expressos no progresso, no otimismo, na linearidade do tempo, como bem aponta Pesavento:

95 Memorial Coluna Prestes: Marco da história da região do oeste do Paraná, e tombado pelo patrimônio municipal através do decreto nº 1007/95. No local existe um obelisco idealizado por Oscar Niemeyer em homenagem a Luiz Carlos Prestes, “Cavaleiro da Esperança” retratando a rota da Coluna Prestes, e sua passagem por Santa Helena em Abril de 1925, e parte de ruínas da “Ponte Queimada” pelos soldados revolucionários para impedir o avanço das tropas legalistas comandadas pelo General Rondon.

Fonte: <http://www.santahelena.pr.gov.br/paginasmenusec.php?id=56&setor=9&setor=9>

96 Conceito adotado de Chartier, entendendo a *representação* como uma ideia, ou imagem, construída e delimitada em razão dos interesses do grupo que a forja, buscando a imposição de suas concepções no mundo social. Cf. CHARTIER, 1990.

97 Segundo CURY (2010), “A territorialização pode ser entendida a partir das ações que definem a presença de populações, sendo caracterizada pela diferenciação de interesses que forçam posicionamentos alternados, causando conflitos no território, definindo ou redefinindo essas territorialidades. A imagem desejada pelo planejamento demonstra a multiplicidade de interesses e as interferências que se caracterizam nos planos do território. As relações políticas e econômicas criam a superposição dos territórios localmente estabelecidos [...]” (CURY, 2010, p. 70).



A nova tendência passou a afirmar a não existência de verdades absolutas, marcando o recuo de uma posição cientificista herdada do século passado. Estimulando novos olhares e abordagens com a realidade, em uma e outra vertente, a história social dos anos 60 e 70 restabeleceu o ofício do historiador. Como um mestre da narrativa, este é alguém que munido de um método, resgata da documentação empírica as “chaves” para recompor o encadeamento das tramas sociais (PESAVENTO, 1995, p.12).

498

Dessa forma, esse estudo busca explorar essa trama social, de modo a evidenciar memórias, imaginários e territorialidades e à representação coletiva em torno do memorial. Assim sendo, busco explorar sucintamente o processo de idealização e construção do monumento, pois tal fato requer uma análise crítica, pois “os monumentos não são apenas objetos estéticos”. É nesse sentido que esse texto pretende contribuir para constituição de fontes, a fim de explicar um pouco da história do município de Santa Helena, em dado período de tempo.

Metodologia

A metodologia seguiu os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa, delineando-se como uma revisão bibliográfica. O intuito do trabalho foi também o de organizar uma pesquisa de caráter descritivo dos dados coletados, sendo que para sua elaboração se debruçou sobre uma sucinta análise historiográfica, ilustrações, documentais e trechos de discursos. Ainda no tocante a metodologia, o artigo se inscreve dentro de uma pesquisa qualitativa, que segundo Demo (1998), é o tipo de pesquisa que confronta o paradigma positivista⁹⁸, porém, “sem destruir o legado formal da ciência” (DEMO, 1998, p. 89). A metodologia

98 (...) “Na tradição positivista, pesquisa qualitativa não fazia muito sentido, pela própria exclusão da dialética como método importante da reconstrução do conhecimento; tomando as ciências exatas e naturais como modelo paradigmático, as ciências sociais teriam como desafio intrínseco absorver as mesmas regras; o próprio marxismo ortodoxo não escapou disso, quando exagerou na dose do materialismo histórico e dialético, selecionando, na realidade, de preferência a manifestação material” (DEMO, 1998, p. 89).



adotada bem como a apresentação do texto, foi voltada para facilitar a “produção e compreensão das narrativas como fontes do conhecimento”.

499

A construção do monumento em Santa Helena, a territorialidade e a construção social da memória

É notório que na busca por registrar na memória aquilo que é história, alguns “agentes” procuram viabilizar diversas formas de registro daquilo que será considerado história, a saber, daquilo que deve ser lembrado e daquilo que deve ser esquecido. Além da construção do monumento no município de Santa Helena, que é nosso foco de discussão, há outros monumentos com o mesmo significado [... e ou semelhantes...] que foram erguidos em outras cidades do país, a exemplo do monumento no município de Crateús no estado do Ceará, da presença de um monumento no município de Palmas, em Tocantins, e da presença de um monumento no município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, onde existe o Memorial Coluna Prestes, que reúne grande acervo de materiais, além da existência de monumentos semelhantes em outras cidades brasileiras.

O objetivo não é especular a necessidade que houve em se “demarcar” o trajeto por onde a Coluna Prestes marchou, ou as características políticas e ideológicas que marcaram a Coluna Prestes naquele momento histórico, mas sim, compreender como se deu a ideia inicial da construção do monumento em Santa Helena, buscando dialogar o monumento como um espaço de reivindicação da memória e de territorialização, em específico, a criação de um “marco” da história do município de Santa Helena, e da região oeste do Paraná.

Nesse sentido, de acordo com Pierre Bourdieu (1989):

A região é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos, é claro, que, por terem que ver com o espaço, aspiram ao monopólio da definição legítima, mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe uma política de ‘regionalização’ e movimentos ‘regionalistas’, economistas e sociológicos (BOURDIEU, 1989, p. 118).



Tal assertiva não está distante do que nos ensina Candau, que diz que “a memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança” (CANDAU, 2011, preâmbulo).

500

Seguindo essa compreensão, Pierre Nora (1993) nos diz que:

[...] a plasticidade e a problemática dos lugares de memória está justamente no fato de eles constituírem em uma construção histórica e, por isso mesmo, estarem sujeitos a interesses particulares que desejam, por meio da preservação desses lugares, os tornar pontos de referência como “marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade (NORA, 1993, p. 13).

E tal fato é inteligível, pois cada município procura uma forma de construir seu território, sua territorialidade, sua memória, sua história. Essa profunda e urgente necessidade de trazer a lembrança, fatos, acontecimentos, ou até mesmo suas lendas-urbanas se dá porque cada local trabalha e cria sua história, na medida em que fala sobre si e para si mesmo. Na perspectiva de Pierre Nora, esses lugares de memória surgem a partir do momento em que a memória se torna o resultado de uma organização voluntária, intencional e seletiva, ou seja, “menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas” (NORA, 1993, p. 14).

Daí a necessidade de acumular vestígios, testemunhos, documentos sobre o passado, que se tornarão provas e registros daquilo que se foi. Instituições como museus, arquivos e bibliotecas surgem com a finalidade de salvaguardar uma memória que deixou de ser múltipla e coletiva, para se tornar única e sagrada.

Ainda segundo este mesmo autor, ele nos diz que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p. 13).



Considerando que os monumentos nada mais são do que a materialização de territorialidades e discursos, de bricolagens, de disputas e apropriações de memória(s), se compreende que movimento e monumento buscam algo maior, a saber, a construção social da memória através da disputa pela memória [...].

Ao falarmos de movimento, estamos a falar da memória a ser construída (a ser visitada ou revisitada), a saber, da necessidade de um suporte exterior, de uma referência tangível, ou seja, do movimento que preexiste antes da ideia se materializar, antes da ideia tomar corpo como um monumento, um obelisco, um memorial, etc.

Portanto, a luta para a construção da memória através de um monumento nada mais é [...], que a tentativa de estabelecer laços de identidade individual e coletiva, e não foi diferente no município de Santa Helena, pois a ideia gesta em um tempo e espaço pela sociedade que cria monumentos, pois conforme Le Goff (2013):

[...] o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais a confiança e seja mais edificante que um álbum de família: todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo são banidas e o passado comum ou, se se quiser, o menor denominador comum do passado, de nitidez quase coquetista de um monumento funerário freqüentado assiduamente (LE GOFF Apud BOURDIEU, 2013, p. 426).

Nesse sentido, parafraseando Nora (1993, p. 13), o Memorial coluna Prestes, em suma, se constitui em um lugar de memória, que atua como um componente contra o apagamento da memória, na medida em que serve de “fonte” de lembrança do passado que é colocada a disposição do povo santa-helenense.

A CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO E O MONUMENTO COMO TERRITORIALIDADE E REIVINDICAÇÃO DA MEMÓRIA



O projeto do memorial foi idealizado pelo Arquiteto Oscar Niemeyer, retratando a rota da Coluna Prestes e sua passagem pelo Município de Santa Helena em Abril de 1925. O monumento está localizado às margens da rodovia PR-488, sendo que foi construído junto aos resquícios da Ponte Queimada, ponte sobre o Rio São Francisco Falso, que liga o município de Santa Helena ao município de Diamante do Oeste. O monumento a Coluna Prestes foi tombado pelo patrimônio municipal através do Decreto nº 1007/95, e foi idealizado durante o mandato do senhor Júlio Morandi, ex-prefeito do município de Santa Helena.

FIGURA 2 – PROJETO DE NIEMEYER, CONSTRUÍDO EM SANTA HELENA – PR, EM HOMENAGEM A COLUNA PRESTES.



A ideia da construção do monumento no município de Santa Helena se deu no ano de 1995, sendo que é impossível atribuir a ideia da construção do monumento a um único indivíduo ou grupo, porém é evidente que havia interesses municipais em transformar o local em um ponto turístico (patrimônio cultural), conforme pode ser verificado na figura 3.

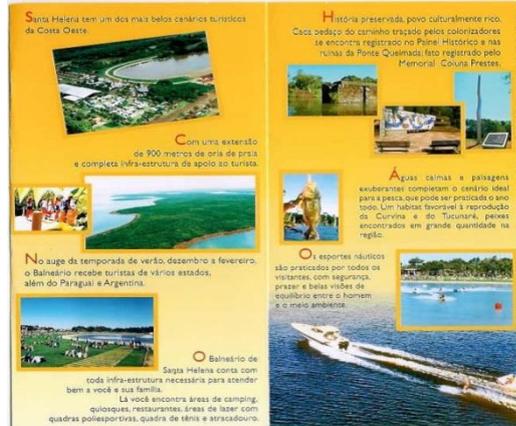


Figura 3 - Prefeitura Municipal de Santa Helena. Folder de Propaganda: Santa Helena: Terra das Águas. (Fragmento). s/d. Acervo do Autor. (Distribuído em 2004). Fonte: Langaro, J. F. Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do oeste do Paraná/Jiani Fernando Langaro.- Uberlândia, 2005. 280f

Seria muito simplista de nossa parte afirmar que a construção do monumento obedece a uma única finalidade, mas é possível destacar alguns fatores importantes, e dentre esses fatores, dois merecem destaque; em primeiro plano, é crucial dizer que a construção do monumento está associada à idéia da memória como um agente de promoção do turismo local, a exemplo disso, o Memorial Coluna Prestes é apontado como um local de memória digno de ser conhecido, conforme se vê no folder publicitário elaborado pela prefeitura de Santa Helena (Figura 3).

Em segundo plano, o monumento tem a finalidade de infundir territorialidade e de instituir a memória, buscando formar uma coesão identitária do povo santa-helenense em torno do memorial. Nesse mesmo sentido, pode se dizer que isso é verdadeiro, “pois são territorialidades também, as expressas nos costumes, nos ritmos, os ritos e nos valores desses povos” (SOUZA, 2009, p. 105). Cabe destacar também a frase escrita na placa de bronze junto ao monumento, onde se encontra escrito que a finalidade da coluna era “construir um Brasil onde os ideais liberais de representação política e justiça conquistassem o devido lugar na vida nacional”, cuja frase busca promover uma “heroicização” dos integrantes da coluna, fazendo com que esse processo de heroicização favoreça uma postura de aproximação empática do cidadão santa-helenense em torno de sua territorialidade e em torno do memorial.



Dessa forma, o município de Santa Helena cria um dos alicerces para a formação da identidade santa-helenense, na medida em que retrata o memorial como um “lugar de memória”.

Tal fato é compreensível, haja vista que Santa Helena se tornou município apenas no ano de 1967⁹⁹. Para que este exercício de identificação ocorra (resgate da memória, a fim de desencadear uma ligação entre o cidadão e suas raízes), o município promove uma ritualização, pois a experiência vivenciada na ritualização pode trazer a tona diversas leituras possíveis acerca do memorial, ou seja, se percebe que houve a necessidade de sacralizar (figuras 5, 6 e 7) através da organização de um evento, o qual se denominou como “Primeiro Acantonamento”, cujo lema era, “Povo que não tem memória não tem história!”.

Com o objetivo de reviver a história (trazer a lembrança) e aumentar o turismo é que a Prefeitura Municipal de Santa Helena¹⁰⁰, através da então Secretaria de Indústria, Comércio, Turismo e Administração Portuária de Santa Helena realizou no dia 20 de abril de 2013 o primeiro Acantonamento Comitivas da Esperança no Memorial da Coluna Prestes, buscando reviver a história de Santa Helena em torno do Memorial Coluna Prestes (Figuras 4, 5 e 6).



Figura

s 4, 5 e 6: Em 20 de Abril de 2013 o Acantonamento reviveu a história de Santa Helena e

99 Distrito criado com a denominação de Santa Helena, pela lei municipal nº 26, de 20-06-1962, subordinado ao município de Medianeira. Em divisão territorial datada de 31-12-1963, o distrito de Santa Helena, figura no município de Medianeira. Elevado à categoria de município com a denominação de Santa Helena, pela lei estadual nº 5497, de 03-02-1967. Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=412350>

100 Fonte: <http://www.santahelena.pr.gov.br/noticiasmenu.dir.php?id=30>



movimentou o Memorial Coluna Prestes. Fonte:
<http://www.santahelena.pr.gov.br/noticiasmenuadir.php?id=30>

A memória como fonte de pesquisa e a memória como exercício de identificação

505

Sobre o estudo da memória, é importante considerar que todo estudo a respeito desse tema nasce de uma prática necessariamente interdisciplinar. Além disso, ao se trabalhar com história e memória, é importante estabelecer relações éticas com o que se propõe a analisar, buscando se aproximar da verdade, mesmo sabendo que “a posição da verdade na História não é a mesma daquela identificada em outros campos do conhecimento humano, mas sim decorre das infinitas análises e interpretações construídas pelos investigadores para compreender o passado [...]” (FERNANDES, 2011, p. 12), e, ter muito cuidado e responsabilidade com o material produzido e distribuído.

Mas, afinal de contas, o que é a memória em pesquisa?

A memória pode ser considerada como uma trilha (um caminho a se construir e/ou desconstruir) que o historiador pode transformar em fonte para sua pesquisa. A memória é um fragmento que obstina-se em ficar entre nós, que nos auxilia a criar elos, a estabelecer laços de identidade individual e coletiva. É por meio da recordação e da revivificação que muitas conexões são criadas no âmbito pessoal e coletivo. A memória se erige no embate entre os diversos campos da memória (coletivos e individuais) e na tensão entre passado, presente e futuro. Assim, a memória é constituída a partir dessa numerosa rede relacional, e segundo Todorov (2002) [10], o ponto crucial é procurar “entender que memórias individuais e coletivas interagem para formar uma identidade memorial¹⁰¹”, e nesse mesmo sentido, este autor nos diz que:

101 Para Paul Ricœur, “a tensão entre memórias coletivas e individuais não é fácil de ser resolvida. Tentando discutir o que ele chama de “olhar interior” e “olhar exterior”, o filósofo



“A recordação do passado é necessária para afirmar a própria identidade, tanto individual como de grupo. Um e outro também se definem, evidentemente, por sua vontade no presente e seus projetos de futuro; mas não podem prescindir dessa primeira lembrança” (TODOROV, 2002: 199).

Segundo Jacques Le Goff (2013, p. 387), “a memória pode ser considerada como a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”. O estudo da memória passa da Psicologia à Neurofisiologia, com cada aspecto seu interessando a uma ciência diferente, sendo a memória social um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História”. A memória está no próprio assento da História (história e memória se mesclam e se fundem), confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade.

Dessa forma, uma historiografia (um pesquisador, um grupo, um fato, etc.) sobre a memória pode produzir outras memórias e esquecimentos, e, por sua vez, memórias e esquecimentos podem construir identidades coletivas e individuais. Ademais, segundo a compreensão do conceito de memória apresentado por Pollak, enquanto representações de um momento histórico e de lutas para fixar uma visão/posição, a memória é “um elemento constituinte de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou um grupo em sua reconstrução em si.” (POLLAK, 1992, p. 204).

Mas qual a relação da memória com a presença do memorial em Santa Helena?

chega à conclusão de que: nem a sociologia da memória coletiva nem a fenomenologia da memória individual conseguem derivar, da posição forte que ocupam respectivamente, a legitimidade aparente da tese adversa: coesão dos estados de consciência do eu individual, de um lado; capacidade das entidades coletivas de conservar e recordar as lembranças comuns, do outro”. (RICOUER, 2007, p. 134).



O memorial busca revificar, ou seja, trazer a tona um processo histórico que está imerso no presente. Como num movimento de vai e vem, quer visitar um acontecimento de tempos idos, e desta forma, fazer a intersecção entre passado, presente e futuro, pois a(s) memória(s) são dinâmicas e podem ser reivindicadas a qualquer momento.

No caso do Memorial Coluna Prestes, o município de Santa Helena se apropria e trás a tona o que nos diz Le Goff, ou seja, “busca constituir uma memória coletiva, pois é através da recordação e da tradição que ocorre a manifestação da memória” (LE GOFF, 2013, p. 435).

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: A MARCHA DE PRESTES E A PASSAGEM POR SANTA HELENA EM 14 DE ABRIL DE 1925¹⁰²

A Coluna Prestes, originalmente chamada de Coluna Miguel Costa Prestes, foi um movimento que durante 25 meses percorreu cerca de 25 mil quilômetros e obteve várias vitórias contra as forças legalistas, mas não teve sucesso em sua tentativa de sublevar as populações do interior contra o presidente Artur Bernardes e a oligarquia dominante. Com o fim do mandato de Artur Bernardes, em 1926 a Coluna entrou na Bolívia e se dissolveu no início do ano seguinte.

O movimento revolucionário teve início na cidade de Alegrete (sul do Rio Grande do Sul). A Coluna Prestes, como ficou conhecida, foi um movimento político militar brasileiro que se deu entre os anos de 1925 e 1927, estando ligado diretamente ao surgimento do Tenentismo¹⁰³, que foi uma corrente de pensamento

102 O Memorial busca lembrar um pouco da história da Coluna Prestes, movimento revolucionário que percorreu, aproximadamente, 30 mil quilômetros pelo interior do Brasil e esteve em Santa Helena no dia 14 de abril de 1925. Fonte: <http://www.santahelena.pr.gov.br/noticiasmenudir.php?id=30>

103 Durante toda a atuação do grupo na década de 20, o movimento não tinha essa designação, no qual os termos utilizados eram *militares revolucionários*, *rebeldes*, *revoltosos*, *militares da Coluna Prestes*. As expressões *tenentes* e *tenentismo* surgiram somente em 1931 em contexto de acirrada disputa pelo poder com a oligarquia paulista (BORGES, 1992).



que, em linhas gerais, tinha por características a insatisfação com a República Velha, a exigência do voto secreto, fim da exploração dos mais pobres pelos coronéis, acabar com a falta de democracia, acabar com as fraudes eleitorais, instituir o ensino fundamental a todos os brasileiros, acabar com a miséria e a desigualdade no país, etc. O movimento contou com líderes de diversas correntes políticas, mas em sua grande maioria, o movimento era composto por militares, a saber, oficiais subalternos, capitães e tenentes de classe média. O nome mais expoente desse movimento foi o Capitão Luiz Carlos Prestes, alcançando uma tremenda popularidade, sendo conhecido como o “Cavaleiro da Esperança”.

A coluna Prestes teve origem após o fracasso da Revolução Paulista de 1924, sendo que em Agosto deste mesmo ano os sobreviventes desse movimento se refugiaram no Oeste do Paraná. É nessa região que se reúne ao grupo o Capitão do exército Luiz Carlos Prestes, quem no Rio Grande do Sul havia formado um grupo armado para apoiar o levante de São Paulo. Como a revolta não logrou êxito no Rio Grande do Sul, os “insurgentes” se dirigiram a Região Oeste do Paraná. A coluna contava com cerca de 1500 soldados, participantes da Revolução Paulista (dirigidos por Miguel Costa), sendo que os gaúchos se uniram em torno do nome de Prestes. Mesmo com a oposição do governo federal a Prestes, e sua inferioridade numérica, Prestes se negou a submeter-se e direcionou seus seguidores em direção ao norte, cruzando o estado de Santa Catarina, em direção ao Oeste do Paraná.

O tenentismo surgiu de um contexto particular de modernização da sociedade brasileira e das forças armadas, desempenhando uma intensa atuação contestatória das estruturas da Primeira República e participando ativamente dos momentos críticos no início dos anos 30, que trariam uma reorganização jurídica-política da sociedade brasileira. (VIVIANI, 2009, p. 12)

Essa primeira ação tinha como objetivo engrossar as fileiras da coluna paulista, que se encontrava na mesma região. No mês de abril de 1925, os militares gaúchos concluíram seu plano após sofrer várias perdas nos confrontos com as tropas oficiais, e logo após rumaram a Santa Helena, objetivando em caso de necessidade, chegar a Guaíra, tendo como possível rota de fuga o país do Paraguai. Posteriormente, atravessaram um trecho do território paraguaio, entrando novamente no Brasil, no Mato Grosso do Sul. Um fator que ajudou no caráter legendário da Marcha de Prestes foi a sua duração e a extensão percorrida, cerca de 25.000 quilômetros num período de dois anos (Figura 7), atravessando treze Estados brasileiros.

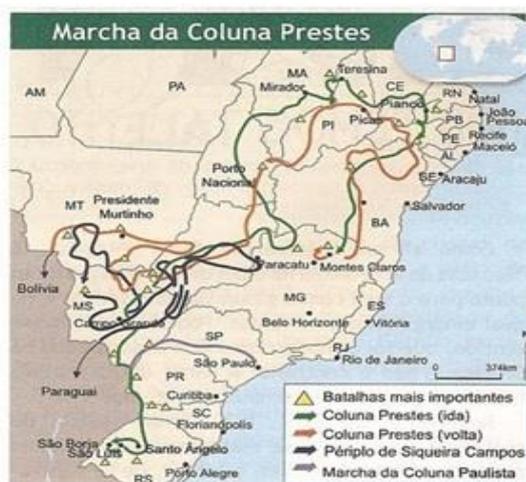


FIGURA 7 - MAPA DA MARCHA DA COLUNA PRESTES E BATALHAS.

FONTE: [HTTP://TERCEIRAOPENSANDOALTOHBR.BLOGSPOT.COM.BR/SEARCH?Q=COLUNA](http://terceiraopensandoaltohbr.blogspot.com.br/search?q=coluna)

No período em que atravessou várias cidades do país, tentou mobilizar as populações locais a se voltarem contra a opressão política das oligarquias. No entanto, a ausência de um projeto político mais claro impossibilitou a formação de um movimento suficientemente forte para derrubar as autoridades estabelecidas.

Em fevereiro e março de 1927, Prestes e seus seguidores, já em pequeno número, cruzaram a fronteira rumo ao exílio, ao carecerem de forças (soldados e logística militar) para continuarem a luta armada. Com o passar do tempo, vários “insurgentes” regressaram ao Brasil, alguns aderindo ao movimento de Getúlio



Vargas em 1930, outros, a exemplo de Prestes, se filiaram ao movimento comunista brasileiro.

Mas qual a relação desse movimento revolucionário com o município de Santa Helena e com o povo santa-helenense? É na passagem da Coluna Prestes por Santa Helena, em 14 de Abril de 1925, em suas andanças e combates pela região, quando perseguidos pelas tropas legalistas comandadas pelo general Cândido Rondon, que os revolucionários de Prestes, em retirada, queimaram a ponte sobre o Rio São Francisco Falso, construída pela Companhia Domingos Barthe no início deste século, e que após este episódio ficou conhecida como Ponte Queimada, cujos vestígios são visíveis até o dia de hoje (Figura 8). É a partir da revivência desse fato (dessa marca) que o memorial pôde tomar corpo, ou seja, é a partir da elaboração da ideia e da construção do memorial que é possível fazer uma interseção entre passado, presente e futuro e o cidadão santa-helenense. Esse exercício de identificação através do memorial, trouxe a tona um aspecto histórico que se encontrava imerso no presente, e dessa forma, possibilita(ou) diversas leituras possíveis, corroborando para que ocorram laços de identidade através da recuperação da memória em torno do Memorial Coluna Prestes.

510



FIGURA 8 – RESQUÍCIOS DA PONTE QUEIMADA

Fonte: <http://www.santahelena.pr.gov.br/paginasmensec.php?id=55&setor=9&setor=9>

O monumento e a memória em disputa: o monumento como documento



A palavra monumento, deriva do latim *monere* ("advertir", "lembrar"), que quer dizer, aquilo que remete a lembrança de algo. Conforme Choay (2001, p.31), “o monumento, acrescido do adjetivo histórico, nasce em Roma, em 1420, configurando-se como obras arquitetônicas remanescentes de épocas passadas. Por esse motivo, o monumento histórico converte-se em um tema importante, sendo a partir daí elaborado com mais abrangência o conceito de Patrimônio Cultural”.

Inicia-se por uma afeição de civilizações antigas por obras do passado. A princípio, chamadas de antiguidades, e depois de monumentos, tais obras começaram a ser entendidas no sentido de patrimônio somente no momento em que se conceitua a história como uma disciplina. Esse sentido, mais tarde, desembocaria na visão de patrimônio histórico, e, nas últimas décadas do século XX, na noção mais abrangente de patrimônio cultural (SANTIAGO, 2007, p.4).

De acordo com a asserção acima, a respeito do entrelaçamento entre memória, história, monumento e patrimônio cultural, é possível inferir que os objetos “guardados” pelo homem e presentes nos espaços públicos, bibliotecas e museus possuem as relações de produção da sociedade que os criou. Assim sendo, os monumentos possuem significados sociais, pois revelam uma história, e a igual modo que os documentos, são frutos de escolhas e intenções de quem os elabora, sendo assim, constituem-se em territorializações produzidas e levadas a cabo pelo povo, reproduzindo assim, um ponto de vista parcial da história.

Partindo da concepção de que existe um jogo de interesses entre os atores sociais, e ao mesmo tempo, existem muitas memórias em constante disputa na sociedade, é natural que nessa disputa, os grupos busquem se apropriar seletivamente daqueles elementos de memória presentes na sociedade [ou não] que podem construir ou favorecer (de acordo a interesses) uma versão hegemônica para este mesmo grupo. Dessa forma, é crucial que se compreenda como se dá(eu) o processo de evocação e construção social da memória (em torno do Memorial a Coluna Prestes) no município de Santa Helena.



Considerações finais

A questão da construção do monumento no município de Santa Helena merece ser melhor analisada porque é uma questão pertinente, a saber, primeiramente, pelo que foi exposto no transcorrer deste ensaio, em que pode ser verificado que os monumentos possuem marcadamente caráter político, e podem ser objetos de disputas entre grupos distintos, e sendo assim, submetidos a interpretações contrastantes, revelando a sua natureza política. A segunda característica que torna a questão importante para ser analisada (e/ou reinterpretada) é a razão histórica, pois essa busca pelo passado pode revelar como as identidades individuais e coletivas são formadas, e nesse sentido, as memórias podem definir padrões identitários de uma sociedade.

Este ensaio buscou apresentar o trabalho de reivindicação da memória que se traduziu na representação por meio de um monumento, e, se essa asserção pode ser reconhecida como uma verdade é apta para definir o contexto social, político e econômico que envolveu o processo da construção do memorial em Santa Helena (interesses envolvidos), evidenciando que esse movimento na busca da construção social da memória, tenta fazer uma interseção entre passado, presente e futuro. É prematuro definir que existe uma memória coletiva santa-helenense associada ao Memorial Coluna Prestes, pois o sentido de patrimônio cultural dado ao monumento indica que sua criação é uma invenção, porém, é inegável que a experiência vivenciada na ritualização pode trazer a tona diversas leituras possíveis, corroborando para que ocorra laços de identidade em torno do Memorial Coluna Prestes. Outro fator a ser destacado, é que quando o município de Santa Helena seleciona esse fato histórico, também seleciona aquilo que será considerado história, a saber, aquilo que deve ser lembrado e aquilo que deve ser esquecido.

Ciente da limitação deste recorte, dada à amplitude e multiplicidade da temática que envolve o estudo da memória, acredita-se que este artigo pode contribuir para que interessados possam abordar esses lugares de memória no



ensino de história, além de ser uma abertura para estudos futuros e possibilitar uma reflexão sobre o que se convencionou chamar de “direito à memória”.

Certamente, fazem-se necessários novos e maiores estudos sobre a temática, mas as análises aqui realizadas possibilitaram responder o objetivo proposto para o estudo. Ainda que o raciocínio do trabalho tivesse por função conduzir o leitor à aceitação dessa “verdade”, há uma pergunta que fica sem resposta, pois este estudo não pôde dar conta, a saber; é possível estender ou ampliar o mesmo sistema a eventos semelhantes?!

513

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BORGES, V. P. **Tenentismo e a revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012, 219p.

CHARTIER, R. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro. Bertrand, 1990.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CURY, Mauro J. F. **Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI): Interconexões, interdependências e interpretações nas cidades da tríplice fronteira – Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR)**. Mauro José Ferreira Cury. – 2010. (Tese de Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, Setor Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2010. 234f.

DEMO, P. **Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo**. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abr. 1998.

FERNANDES, S. S. **A verdade e a história**. *Revista DaCultura*. 2011. nº 21. Disponível em: http://www.funceb.org.br/images/revista/24_3e0h.pdf - Acesso em: 15/03/2016.



LANGARO, J. F. **Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do oeste do Paraná**/Jiani Fernando Langaro. - Uberlândia, 2005. 280f

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão... (*et al*) – 7ª Ed.; Revista - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

NORA, P. **Entre história e memória. A problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo: PUC, vol.10, n. 10, p. 7-28, dez/1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário**. Revista Brasileira de História, nº. 29, 1995.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. In. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François (*et al*) - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTIAGO, R. P. **Memória e patrimônio cultural em ambientes virtuais**. 2007. 146 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

SOUZA, Edson Belo C. de. **Tríplice Fronteira: fluxos da região Oeste do Paraná com o Paraguai e Argentina**. In: Revista Terr@ Plural, v.3, n.1, 2009.

VIVIANI, F. C. **A trajetória política tenentista enquanto processo: do Forte de Copacabana ao Clube 3 de Outubro (1922/1932)**. Fabrícia Carla Viviani. – São Carlos - SP: UFSCAR, 2009. 200 f.

TODOROV, T. **Memoria del mal, tentación del bien. Indagación sobre El siglo XX**. Barcelona: Ediciones Península, 2002.

Referências eletrônicas

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Helena_\(Paraná\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Helena_(Paraná)) - Acesso em: 15 Out. 2015.

Fonte: <http://www.focosh.com.br/v2/materias.php?id=10901> - Acesso em: 21 Out. 2015.



Fonte:

<http://www.santahelena.pr.gov.br/paginasmenusec.php?id=56&setor=9&setor=9> -
Acesso em: 21 Out. 2015.

Fonte:

<http://www.santahelena.pr.gov.br/paginasmenusec.php?id=56&setor=9&setor=9> -
Acesso em: 03 Jan. 2015.

515

Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=412350> - Acesso em:
03 Jan. 2016.

Fonte: <http://www.santahelena.pr.gov.br/noticiasmenudir.php?id=30> - Acesso em: 03
Jan. 2016.

Fonte: <http://terceiraopensandoaltohbr.blogspot.com.br/search?q=coluna> - Acesso
em: 12 Jan. 2016.

Fonte: <http://www.santahelena.pr.gov.br/noticiasmenudir.php?id=30> - Acesso em: 13
Jan. 2016.

Fonte: <http://terceiraopensandoaltohbr.blogspot.com.br/search?q=coluna> - Acesso
em: 22 Fev. 2016.

Fonte:

<http://www.santahelena.pr.gov.br/paginasmenusec.php?id=55&setor=9&setor=9> -
Acesso em: 12 Jan. 2016.